

Índice

Sinopse	2
Introdução	4
Capítulo 1 — O afastamento.....	8
Capítulo 2 — Sozinha no departamento	12
Capítulo 3 — O vendaval	16
Capítulo 4 — A noite do silêncio, e o dia em que finalmente falei.....	20
Capítulo 5 — O acomodamento silencioso	25
Capítulo 6 — O medo de contar	29
Capítulo 7 — A decisão e os horários.....	33
Capítulo 8 — O primeiro dia	40
Capítulo 9 — O convite	45
Capítulo 10 — A conversa que adiámos.....	48
Capítulo 11 — O que me prende.....	52
Capítulo 12 — Divididos	56
Posfácio — Alexandre	61

Sinopse

Sara sempre foi a pessoa fácil. A que nunca respondia mal, a que aguentava, a que sorria e ia andando. Cresceu a ouvir que ser sensata valia mais do que ser feliz, e passou vinte anos a provar que tinha aprendido bem a lição.

Até que um dia, numa sala de reuniões cheia de gente, bateu com o punho na mesa e disse em voz alta tudo o que tinha engolido durante anos.

O Livro de Sara é a história de uma mulher vulgar — administrativa, casada, mãe de uma menina de seis anos, a viver num terceiro andar sem elevador — que descobre, tarde de mais e a tempo, que a ira, o medo do desconhecido e o acomodamento não são falhas de carácter. São hábitos. E os hábitos podem mudar-se.

Ao longo de doze capítulos contados na primeira pessoa, sem lições, sem fórmulas, sem vilões — só pessoas normais, com as suas boas intenções e os seus limites — Sara troca um escritório por uma loja, enfrenta a vergonha de nunca ter tirado a carta de condução aos quarenta anos, e confronta a decisão mais difícil da sua vida: a possibilidade de o marido emigrar sozinho, e o medo de ficar para trás.

Este não é um livro que promete resolver tudo. É um livro que mostra o que significa, de facto, dar o primeiro passo — mesmo sem saber o resto do caminho.

Introdução

Eu fui desde sempre uma criança feliz.

Não me faltou nada enquanto crescia, mas também não tinha luxos. Os anos 80, aquele tempo em que podia brincar na rua até o sol se pôr, sem supervisão de adultos. Apenas as crianças e as suas patifarias.

Lembro-me do cheiro a alcatrão quente depois da chuva, dos joelhos esfolados que a minha mãe tratava com mercurocromo e um "não chores, isso nem dói", de correr atrás de uma bola murcha até já não se ver bem a rua, só as luzes das janelas a acenderem-se, uma a uma, chamando cada um de nós para dentro.

Os meus pais trabalhavam os dois. O meu pai numa empresa que vendia rações para animais, a minha mãe na secção de mercearia do supermercado da terra. Levantavam-se cedo, deitavam-se cedo, e entre isso havia o resto: a escola, o jantar às sete e meia em ponto, a missa ao domingo mais por hábito do que por fé, e um sofá onde ninguém se sentava de pernas cruzadas porque "isso estraga o estofo".

Nunca os ouvi falar em sonhos. Ouvia falar em contas. Em poupar. Em "trabalhar é que é bom, minha filha, o resto são fantasias". Não digo isto com mágoa — digo com um certo espanto, agora que olho para trás e percebo o quanto isso me moldou sem eu dar por isso. Os meus pais nunca me bateram, nunca gritaram comigo, nunca me fizeram sentir menos por nada. Deram-me uma infância boa. Só que, sem quererem, também me deram um teto. Baixinho. Feito à medida deles, não à minha.

Cresci a saber exatamente o que se esperava de mim: estudar o suficiente para arranjar um emprego estável, não meter em coisas complicadas, poupar o que desse, e ser sensata. Sobretudo isso. Ser sensata era, lá em casa, o maior elogio que se podia receber. Mais do que bonita, mais do que inteligente. Sensata.

E eu fui. Fui sensata que se fartou.

Era a rapariga com quem todos gostavam de se dar. Tinha amigos a mais para os anos que tinha, ria alto, contava anedotas mal contadas, ajudava quem precisasse sem que ninguém pedisse duas vezes. Nunca respondi mal a um professor. Nunca bati com uma porta. Se alguma coisa me chateava, engolia, sorria, e ia andando — porque discutir dava trabalho,

e eu não tinha tempo, nem se calhar, coragem, para esse trabalho.

Casei com o Alexandre aos vinte e sete anos, numa cerimónia pequena, com um vestido que a minha mãe insistiu em pagar mesmo sem eu deixar. Ele fazia-me rir de um jeito estúpido, ainda faz. É dessas pessoas que ouvem mais do que falam, e quando fala é para dizer a coisa certa, ou então uma piada tão má que a gente ri só de vergonha alheia. Nunca foi complicado, o Alexandre. Foi sempre o oposto disso: o sítio onde eu descansava.

A Maria nasceu seis anos depois, num parto que não sei quanto tempo demorou. Apenas sei que estava nua numa cama e vários médicos e enfermeiras a olhar para mim. Depois o mundo apagou-se. Curiosamente ninguém naquele hospital, depois do parto, sabia de mim. Foi o Alexandre que deu comigo passadas várias horas. Ainda grogue, totalmente pálida, e sem forças, numa sala que nem o nome me recordo.

Não vi a Maria nascer, mas ele acompanhou-a desde o primeiro minuto. Este ano entra para o primeiro ano. Compramos-lhe uma mochila cor-de-rosa com um unicórnio que ela escolheu contra a minha vontade e a favor da dela, e ganhou ela, como

sempre ganha quando decide mesmo que quer alguma coisa.

Vivemos em Leiria, num terceiro andar modesto, sem elevador, num prédio antigo de cor castanha e branca, com a entrada de nº 6. Não é grande, o apartamento, mas está estimado. E é nosso, ou quase nosso — falta ainda um bocadinho do banco para ser mesmo nosso. Todas as manhãs subo e desço aquelas escadas com a Maria a puxar-me pela mão e o Alexandre a resmungar, meio a brincar, que um dia destes havemos de mudar para uma moradia decente. Ainda não mudamos. Embora gostássemos muito de poder fazê-lo, não é fácil com o valor dos imóveis no momento.

Trabalho numa empresa de distribuição, dessas grandes, com armazéns e camiões e uma lista interminável de fornecedores. Trato de encomendas, faturação, orçamentos, emails, chamadas de clientes que ligam zangados por coisas que não são minha culpa, equipas para organizar, faturas em atraso para perseguir. É um trabalho que ninguém vê até correr mal. Ninguém telefona a dizer obrigada porque a encomenda chegou a horas. Só telefonam quando não chega.